

Além do princípio do pudor

Beyond the decency principle

COSTA, J. F. *Além do princípio do pudor*. São Paulo: Zagodoni, 2023. 114 p.
(Coleção Inquietações).

Bernardo Arbex*

Em *Além do princípio do pudor*, Jurandir Freire Costa retrata os efeitos traumáticos das práticas nefastas, escatológicas e antissanitárias que tiveram lugar no período recente de ascensão da extrema-direita no Brasil. Na descrição dos processos metapsicológicos em jogo na subjetividade das massas, a obra também desenvolve, a nosso ver, uma consistente teoria da paixão pelo despudor na conformação ideológica autoritária-totalitária. Guiados pelo autor, aos poucos nos damos conta de que, se o pandemônio se manifesta episodicamente como no 8 de janeiro de 2023, ele, no entanto, encontra-se presente desde o início, de forma latente e estrutural, no seio mesmo de nosso Estado-nação.

Composto por uma introdução e mais três capítulos em que dialoga sobre a paixão com Freud, Calligaris e Ab'Sáber, Costa nos oferece três perspectivas sobre o princípio do pudor. Para iniciar o percurso, o autor nos remete ao pós-nazismo na Alemanha. Mesmo após a conclusão dos julgamentos em Nuremberg, “25% dos alemães tinha uma opinião ‘positiva’ de Hitler” (COSTA, 2023, p. 21).

Como causa possível para esse fenômeno, o autor aponta para a incapacidade daquela população de distinguir “a verdade da falsidade, o bem do mal” (*Id.*, *ibid.*, p. 22), algo semelhante ao que ocorre com as *fake news* na situação contemporânea. Costa, então, nos faz pensar nas simetrias e diferenças entre esses dois momentos de suspensão da realidade, por meio de perguntas que nos conduzem no desenvolvimento de *Além do princípio do pudor*. Desse modo, indaga:

* Psicanalista. Membro Associado em Formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Comunicação Social - Cinema pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. bernardo.arbex@gmail.com

O que fez com que uma parcela enorme de nossa sociedade aderisse ao extremismo ideológico de direita? O que gerou rancor de tal magnitude contra os valores democráticos? O que produziu no Brasil uma atmosfera cultural tão carregada de ódio e disposta a fechar os olhos à imoralidade? (*Id., ibid.*, 2023, p. 23).

Em resposta a esses questionamentos, o significante *paixão* se torna o eixo em torno do qual se articularão os três capítulos que seguem a introdução: *paixão por si mesmo, paixão por ser instrumento e paixão pela crueldade*.

Paixão, define o autor, “é o primado de um estado afetivo que impede o exercício do governo autônomo de si” (COSTA, 2023, p. 27). Apesar de mover o sujeito, a paixão é um afeto que atrapalha a elaboração de um saber sobre sua própria subjetividade. Ao estar sob efeito da paixão e preso a um objeto que não pode ser substituído, o sujeito também se encontra *além do princípio do prazer*, “donde a angústia do sujeito apaixonado é não poder gozar sexualmente com o objeto, ao mesmo tempo em que não pode perdê-lo, pois seu desaparecimento representaria a morte do gozo ansiado” (*Id., ibid.*, p. 27).

No plano político da ideologia extremista, a aspiração ao gozo se manifestaria pela crença em *mentiras coletivas* e pelo cinismo relativo à prática da *infâmia*. Costa define a mentira coletiva por sua produção, compartilhamento e difusão por inúmeros indivíduos. Esse dispositivo teria como função servir de “diretriz para a orientação moral e interpretação dos fatos da realidade” (*Id., ibid.*, p. 30). Para se adequar forçosamente a realidade à ideologia, os líderes autoritário-totalitários procurariam incentivar a massa desenraizada com base em sua disposição “para acreditar num supersentido dos acontecimentos e pela hostilidade para com um mundo que frustra suas ilusórias expectativas” (*Id., ibid.*, p. 31).

Doravante, a mentira coletiva recorreria ao terror para eliminar qualquer contradição entre a ideologia e a realidade. Eliminar aqui chega a ter o sentido de extermínio dos “inimigos do cidadão de bem”.

Além da mentira coletiva, Costa destaca outro artifício cultural praticado pela ideologia de extrema-direita: a infâmia. O autor a aborda pela via de seu antônimo, a *fama*, que seria o prestígio atribuído a pessoas, fatos culturais e estilos de vida consagrados pela sociedade. O infame, pelo contrário, visa o gozo com o obsceno. Sua prática expõe o abjeto, figuras e situações que desonram os acordos culturais, e leva à abolição das normas de pudor que põem freio aos restos pulsionais não domados. Para mobilizar seu gozo, o infame atua uma espécie de *lascívia pudica* que consiste em trazer a público exemplos de práticas sórdidas sob pretexto de condená-las.

A partir da introdução de *Além do princípio do pudor*, podemos pensar em um tipo de vínculo estabelecido entre os sujeitos na tentativa de suspender a própria cultura e agir de acordo com uma mítica experiência de satisfação oceânica, um gozo dessexualizado.

Como se daria então a solidariedade entre os sujeitos que sofrem esse tipo de dessubjetivação? Que tipo de amparo o ideal destrutivo lhes oferece para que se diluam nessa massa?

Em *Paixão por si mesmo*, primeiro capítulo do livro, Costa recupera importantes teses contidas no texto freudiano *A psicologia das massas e a análise do eu*, assinalando as principais características dos sujeitos em situação de massa, tais como *a megalomania irresponsável, a diluição ou perda de contorno das fronteiras do ego e a renúncia ao próprio desejo e renúncia total ao desejo do outro* (COSTA, 2023, p. 58).

Estes aspectos metapsicológicos se manifestariam na onipotência, no contágio e na sugestibilidade com que os sujeitos se conduzem, ou melhor, se deixam conduzir a partir do “*vínculo erótico regredido com os chefes e membros da massa entre si*” (*Id., ibid.*, p. 58).

Para um observador externo, pode parecer obscuro o modo como os sujeitos sofreram essa ação centrípeta em direção à massa. No entanto, o autor destaca as suposições de Freud que lançam luz ao fenômeno, a saber, o *desamparo social* e a *ameaça vinda da aspiração à fusão com o outro* (*Id., ibid.*, p. 59).

Narcisicamente, os componentes da massa fariam uma projeção de seu eu ideal em um mesmo objeto, um líder gozador, ao qual atribuem toda a sua estima – “*make America Great again*”; “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos” – à custa de suas capacidades autônomas de pensamento e volição. Assim, entre os membros, a singularidade fica abolida à medida que a alteridade passa a ser vista como ameaçadora. A passionalidade do ódio voltado para fora amalgama enfim a *solidariedade negativa* entre os sujeitos dispostos em massa. Estes tendem a regredir a um estado arcaico de indiferenciação, uma aspiração ao gozo similar ao que ocorre na ontogênese de cada sujeito, na constituição de um eu ideal não submetido à lei simbólica e, portanto, impregnado de um imaginário menos conservador do que arcaico.

Por outro lado, os campos do pensamento, da intelectualidade e da arte contribuem à construção social de uma *solidariedade positiva*, sofisticando e aprimorando a cultura na sublimação.

Do prefácio escrito para a obra *O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social*, de Contardo Calligaris, Costa elabora *Paixão por ser instrumento*, segundo capítulo do livro.

Temas como a depredação do patrimônio cultural democrático, a servidão voluntária, a adesão à banalidade do mal e a paixão pela instrumentalidade fornecem balizas para a compreensão do funcionamento dos regimes autoritário-totalitários. Apesar de essas organizações políticas emergirem excepcionalmente, haveria um “éthos da imoralidade comum (...) potencialmente inscrito em todos nós” (COSTA, 2023, p. 90). De que modo então se daria a passagem do gozo instrumental latente, subjacente a qualquer subjetividade, ao comportamento servil dos funcionários nos regimes extremistas?

A chave da resposta metapsicológica se encontraria na distinção entre *ideal do eu* e *eu ideal*. O primeiro se refere à “imagem daquilo que gostaríamos de nos tornar para sermos amados ou admirados por nossa comunidade de pertencimento” (*Id., ibid.*, p. 90). O ideal do eu introduz em cada sujeito uma consciência moral benéfica ao funcionamento social. Já o eu ideal se organiza como “imagem magnificada de si” frente ao desamparo inerente à prematuridade psíquica para que, no início de nossas vidas, possamos ser atendidos em nossas necessidades de sobrevivência. Aí se está no terreno do narcisismo e da satisfação alucinatória.

Dominado pela regressão ao eu ideal, o destino da sexualidade dos sujeitos nas massas é ressaltado pelo autor a partir da tese de Calligaris de que a perversão social não repetiria em larga escala a dinâmica psíquica presente na perversão sexual. “Onde o sexual está, a perversão não pode advir” (*Id., ibid.*, p. 93).

Em outras palavras, a massa ligada ao regime extremista não é composta por sujeitos que buscam prazer sexual na satisfação com um objeto, senão que tomam o líder como objeto-fetichismo em um “gozo sem descarga e sem a riqueza erótica que apenas a imaginação sexual pode ostentar” (*Id., ibid.*, p. 93). Diferentemente do que ocorreria com a perversão sexual, a dessexualização do objeto na situação autoritária-totalitária atesta o encontro do sujeito com um outro assexuado em quem projeta seu eu ideal: “sujeito sem ideais, sem ânimo, sem pudor, sem nojo ou compaixão, eis o ‘perverso’ que dorme em qualquer um de nós e pode ser despertado pela insanidade socio-cultural” (*Id., ibid.*, p. 96).

Em última análise de *O grupo e o mal*, Costa destaca algumas possíveis motivações, abordadas por Calligaris, para o sujeito aderir à “paixão por ser instrumento”, entre as quais a “solidão pessoal ou social”, “o fracasso nas relações com os outros” e “a chance de esquecer suas preocupações e dúvidas” (COSTA, 2023, p. 96).

Paralelamente à dificuldade de construção de novos ideais de eu e de novos modos de estabelecer laços sociais, os sujeitos desidratados de desejo, desamparados e carentes de assistência alheia encontrariam um esteio para sua solidão na paixão degradada pelo líder como objeto-fetice e na entrega inescrupulosa de suas subjetividades ao imoral.

Ao término do capítulo, Costa indica um importante recurso contra a perversão social: em vez de submissão ao “líder-abjeto”, uma possibilidade de abertura ao “outro sexual, amoroso, fraterno” – eis o antídoto para o “pânico do desamparo” (*Id., ibid.*, p. 98).

Em seguida, após as considerações sobre a teratologia da perversão social nas ideologias extremistas, o autor irá se debruçar sobre a especificidade do mecanismo do desmentido na identidade nacional brasileira.

Em *Paixão pela crueldade*, terceiro e último capítulo de *Além do princípio do pudor*, Costa nos apresenta à ludicidade combinada ao rigor analítico de Tales Ab’Sáber, na escrita de seu livro *O soldado antropofágico – Escravidão e não pensamento no Brasil*.

Na terra não existe céu,
Mas se nas areias piso,
Desta praia carioca
Penso estar no paraíso!

(AB’SÁBER *apud* COSTA, 2023, p. 101-102).

Ao iniciar seus comentários a respeito da obra, o autor cita os versos de uma canção que uma “negrinha mimosa” teria cantado a um mercenário alemão, quando de sua estada no Brasil entre 1824 e 1825. Desse modo, assevera: “O Brasil produtivo, positivo, que inventa modos de vida, de erotismo e de convivialidade só é dito por estrangeiros” (COSTA, 2023, p. 103).

O adjetivo pátrio que designa aquele nascido no Brasil – *brasileiro* – parece apontar a contradição que constituiria nossa identidade nacional. Usa-se o sufixo *-eiro* para classificar o sujeito que ocupa uma determinada função, como em seringueiro, mineiro, canavieiro etc. Brasileiro é quem extrai o pau-brasil. Sendo assim, nossa identidade se forjou a partir da atribuição de uma funcionalidade, de uma instrumentalidade do sujeito calcada no extrativismo. Portanto, acompanhamos Costa em sua afirmação: “a desértica abstração da identidade nacional brasileira (...) tentou enraizar-se onde não havia raízes” (*Id., ibid.*, p. 106).

Nosso cruel *éthos* cultural, para Ab'Sáber, consistiria em uma "simbólica negativa", ou seja, uma incapacidade de se representar o que é vivido e produzido nessa lógica extrativista, em que não se permite a constituição de um pensamento condizente com o que é realizado culturalmente. É, sobretudo, "a não representação, o não pensamento sobre a escravidão" (COSTA, 2023, p. 103) que permitiu a perpetração dos piores horrores. A noção de desmentido sobressai no silenciamento sobre o flagelo da escravidão, sobre o nosso racismo estrutural. "Posto que o nome 'não podia ser pronunciado', como disse Joaquim Nabuco, era como se a coisa não existisse. Fora do alcance da palavra, tudo era permitido" (*Id., ibid.*, p. 103).

Antes, o desmentido encontraria sua eficácia em uma suposta comunhão nas festas e eventos nacionais, como no carnaval e no futebol, mas hoje vemos a derrocada da ficção da "democracia racial". Estaríamos lidando, por conseguinte, com o efeito "da ruptura do pacto implícito entre opressores e oprimidos" (*Id., ibid.*, p. 107).

Se, como na frase de La Rochefoucauld, a "hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude", Costa demonstra como, diante do desabamento do mito hipócrita da democracia racial, o reacionarismo de extrema-direita abriu mão do pudor e escancarou o vício em ato, em uma cruel defesa da suposta legitimidade de seus próprios privilégios perante os neoescravidados.

A reação dos depredadores golpistas do 8 de janeiro é uma amostra dessa hiperinflação egoica. Os olhares esgazeados, as falas truncadas, os gestos de aturdimento mostram o nível de desorientação dos crédulos quando a realidade os arranca do pedestal imaginário onde se haviam colocado (...) O anseio narcísico por 'tornar-se instrumento' de uma infalível entidade – e ganhar um lugar cativo no paraíso do gozo – leva o desenraizado a agarrar-se cada vez mais à boia da alienação. Alienação que, por vezes, ganha toques fantásticos ou de ficção científica, que seriam cômicos se não fossem hediondos (*Id., ibid.*, p. 39).

A partir da leitura de *Além do princípio do pudor*, somos convidados a restabelecer um fundamento básico da experiência psicanalítica no sentido de nomear o que de mais abjeto pode existir no humano. Conforme a máxima terenciana – "nada do que é humano me é estranho" –, procuramos revirar nosso inconsciente no intuito de encontrar símbolos que nos orientem a olhar para o estranho com certa familiaridade, reposicionando nossa reflexão analítica diante da deriva do que nos causa incredulidade e perplexidade no fenômeno contemporâneo de ideologias extremistas.

Nisso consiste um grande valor da recente obra, a nosso ver, mais uma brilhante contribuição de Jurandir Freire Costa à teoria da cultura: *pensar com os pés e andar com fé* ao tratarmos as feridas narcísicas de nossa identidade brasileira para, talvez, discernirmos com mais sabedoria os apelos que são revolta contra uma injustiça presente dos que são apenas hostilidade e intolerância para com o diferente.

Boa leitura a todos!

Referência

COSTA, J. F. *Além do princípio do pudor*. São Paulo: Zagodoni, 2023. 114p. (Coleção Inquietações).